



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Albuquerque
PAPUSSE

— O E C O —



O «Zé» Botto Cataventos diz ao compadre «Zé» Peco, com bastantes argumentos, o que vem a ser o eco.

Por exemplo:—«se alguém berra a chamar por mim:—ó «Zé»...! o eco por traz da serra repete a distancia:—É-É-É!...»

Compadre Peco, radiante, também quiz exprimentar, e, então, ouviu, lá distante, a mesma voz a chamar.



Logo, com grande alvoroço, diz o «Zé» Botto ao «Zé» Peco: — «exp'rimenta se no pôço também pode ouvir-se o eco!

Um pedreiro que, no enxurro do pôço, puxa da enxada, ouvindo: — «tu és um burro!» atira-lhe uma pedrada,

Nisto, danado, o «Zé» Peco brada ao compadre «Zé» Botto: — «não me fales mais no eco, que não me intrujas, maroto!»

A vontade de triunfar

Por PAULO RODRIGUES FERREIRA

— Desenhos de TIO-TÔNIO —



A muitos séculos existia em Atenas, — a cidade grega donde surgiram os mais notáveis vultos da civilização antiga — um jovem escultor cujo nome era Laio.

Com um corpo de atleta, uma fisionomia máscula e de olhar inteligente, Laio podia ser comparado a Apolo ou a Adônis, os deuses mais formosos da antiguidade clássica.

O escultor, como quasi todos os rapazes, possuía uma ambição. Ser conhecido no mundo grego e no mundo bárbaro, a tal ponto, que o seu nome perdurasse mais do que as suas estátuas, esculpidas na rija pedra da Tessália,



Naquele ano, realizavam-se em Olímpia grandes jogos em honra de Zeus, o deus supremo dos gregos.

Uma grande multidão dirigia-se ao célebre lugar, onde, de quatro em quatro anos, os maiores atletas, que então existiam, se defrontavam em busca da tão cobiçada vitória: A vitória olímpica! Aquele que conseguisse vencer, seria em breve conhecido em toda a Grécia, e em todos os outros estados que com ela tinham ligações.

Em procura de novos assuntos que o inspirassem, e além disso com verdadeiro entusiasmo pelos próximos combates, caminhava o jovem artista por entre as ondas do povo, ouvindo aqui, e além, os diversos comentários e esperanças, e entrando também nas conversas, em que se discutiam as diversas probabilidades de ser Codro o vencedor do torneio.

Ao passar perto dum grupo de rapazes, Laio reconheceu nêles vários amigos, aos quais alegremente se juntou, ao mesmo tempo que o recebiam com a seguinte frase:

— Ditosos olhos que te vêem oh belo e futuro vencedor destas olimpíadas!

Esta frase, dita assim de brincadeira, criou no cérebro do escultor idéas que ele nunca tinha tido, ou antes, que jámais ousara pensar: Porque não concorria? Não era um atleta também? Não aprendera a lançar o disco, o dardo, e outros jogos, e não os executava ele bem a ponto de ter sido admirado por alguns companheiros? A saudação dos amigos não seria um preságio? E no seu espírito começaram a formarem-se ideais, que, ligando-se à sua ambição, formaram uma força enorme: A vontade de vencer!

Soam as trombetas. A nota musical despedida pelos instrumentos, ecôa por todo o circo, ferindo a curiosidade do povo.

Vão começar os Jogos Olímpicos.

Era grande a assistência. Via-se nela que muitos habitantes do mundo bárbaro, tinham confluído à cidade, atraídos pelo grandioso espectáculo.

Os Juizes sobem para a tribuna, envoltos nos seus mantos púrpureos, e os jogos são inaugurados pela voz melodiosa das harpas, flautas, e cítaras.

Na arena, os atletas, entre os

quais figurava Laio, substituindo o Ateniense Codro — que, devido a um desastre, fôra impossibilitado de comparecer — principiam os jogos ante o ancioso olhar de milhares de homens que os contemplam.

Logo nas primeiras provas, o artista distingue-se dos outros, ante o espanto dos espectadores que viam surgir naquele desconhecido, um digno descendente de Codro, o glorioso ateniense que havia conquistado na última olimpíada, o título de vencedor.

A turba começa a ulular, estimulando os concorrentes.

Chega, afinal, o último dia dos combates. Quinze rivais, no número dos quais se incluía Laio, esperavam o sinal.

As trombetas resoam, e os corredores partem para um salto em comprimento. Nove, conseguem ser classificados, e, entre eles, o escultor.

Depois de diferentes provas, como a do lançamento do dardo, do disco, e as corridas pedestres, em que foram eliminados sete atletas, appareceu finalmente a última.

Um enorme clamor atoa os ares, e, enquanto os dois restantes competidores evocavam o auxilio dos deuses, no circo formam-se partidos, e as opiniões dividem-se.

— Laio! Laio! Rugiam uns.

— Efialtes! Efialtes! Vociferavam outros.

Ecôa novamente o sinal do combate, e os dois finalistas avançam na direcção um do outro.

Em breve, corpos enlaçados, músculos destendidos, fazendo um esforço desesperado, os dois lutadores procuravam com toda a sua energia, o título de vencedor!

A um dado momento pareceu à multidão, que Laio ía ser vencido, mas este, num último arranque de vontade, conseguiu tombar o adversário!

Laio era o triunfador!

Os Juizes descem à arena, e entregam ao jó-

ven a corôa olímpica, no meio das aclamações populares.

No dia seguinte, num carro puxado por quatro fogosos corceis, tão brancos como a neve, Laio, todo vestido de púrpura e com a fronte coberta de louros, foi transportado através de toda a Grécia.

E assim conquistou o escultor a celebridade, devido à força de vontade que mostrou possuir durante o decorrer das provas.

Como uma felicidade nunca vem só, as suas notáveis obras de estatuação tornaram-se conhecidas, e, em breve, figuravam nas praças públicas e nos templos erigidos às diversas divindades.

A sua fama de atleta olímpico, juntou-se a de artista immortal!

A vontade é a grande triunfadora!

PALAVRAS CRUZADAS

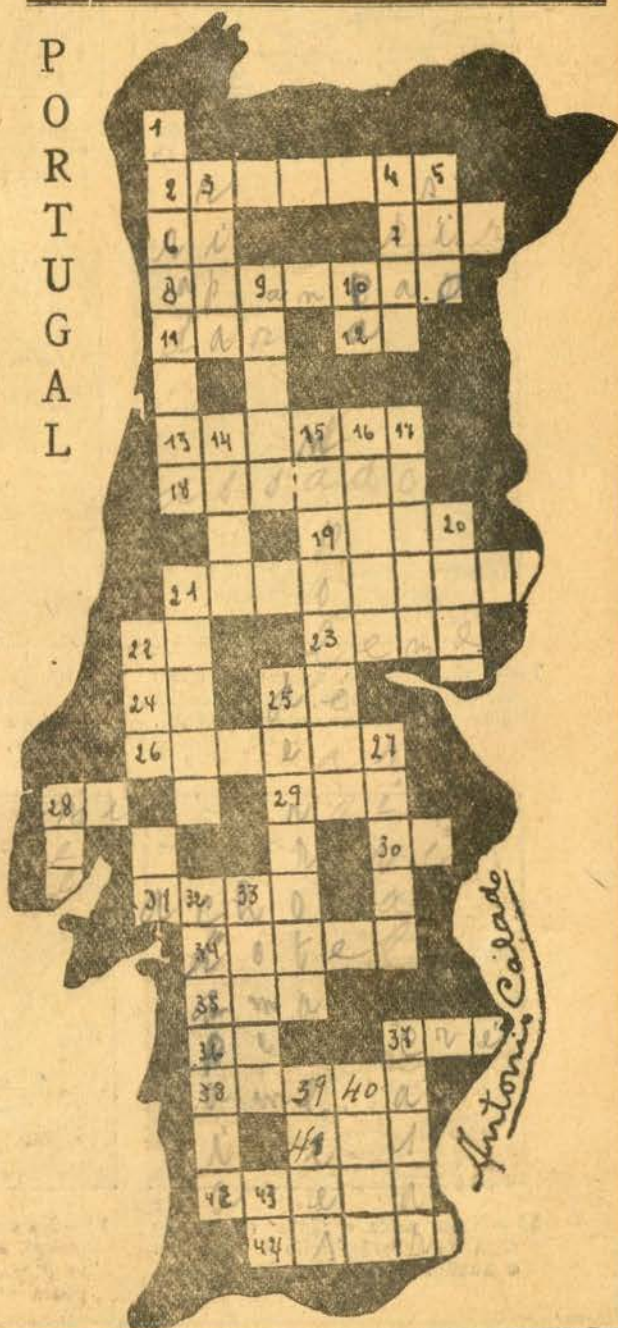
HORIZONTALMENTE

2, grandes vegetais lenhosos; 6, forma do verbo rir; 7, está alegre; 8, agarrar uma coisa com a mão; 11, quando se tira dinheiro da caixa e se entrega ao patrão; 12, marca de automóvel; 13, nome de mulher; 18, peixe que passa pelo forno do fogão; 19, o que todos nós temos; 21, ciúme; 22, parte mais larga dum remo; 23, parte que governa o barco; 24, interjeição; 25, preposição; 26, pôr armas; 28, nota musical; 29, rei em francês; 30, forma do verbo ver; 31, encontrar alguma coisa na rua ou qualquer parte; 34, hospedaria grande; 35, pessoa que gosta de outra; 36, parte do corpo; 37, Carbonato de cal amorfo; 38, marca de relógio; 41, marca de cimento; 42, ave; 44, ilha do Adriático.

VERTICALMENTE

1, ilha da Guiné; 3, tábua delgada; 4, Estado da Arábia; 5, senhor pronunciado por um preto; 9, pessoa mais crescida do que outra; 10, que serve para apanhar lixo; 14, pronome demonstrativo; 15, grande oficial que comandou as tropas francesas em tempos antigos; 16, nome de mulher; 17, peixe roda; 20, construtor do cavalo de Troia; 21, rio da Africa; 22, farramenta; 25, o contrário de vitória; 27, duas pessoas que se odeiam; 28, o que as abelhas nos dão; 32, rio de Gôa; 33, contrário de mulher; 37, enlace de dois entes que se amam; 39, pronome pessoal; 40, dar uma volta; 42, prenuncia duma letra do alfabeto grego.

P
O
R
T
U
G
A
L



Aventuras do Capitão Tubarão!

(Continuação do número anterior)



1—Empregando grandes esforços, o capitão Tubarão consegue chegar cá fora...



2—enquanto a Tripulação, agarrado a um mastro com unhas e dentes, se debatia com as ondas.



3—um pau serviu-lhes de jangada que os conduziu a uma terra desconhecida onde aportaram.



4—Dando graças a Deus pelo salvamento, notaram que, ao longe, os destroços do barco se debatiam à mercê das ondas.



5—Muitos objetos e destroços vieram parar à praia, sendo recolhidos pelos dois...



6—... e com eles fizeram uma barraca. Como todos os gatos, o gato da tia de Tubarão, só se sentia bem em cima do telhado.



7—O pior foi que, nessa noite, como não havia mais nada, a não ser muita fome, o gato foi devorado por ambos...



8—No dia seguinte, além de outras coisas encontraram, entre os salvados, a mala que continha o fardamento do capitão;



9—este vestiu-o logo, e foi, como de costume, à pesca, seu divertimento favorito.



10—Qual não foi, porém, o seu espanto ao verificar que o mar se achava repleto de tubarões...



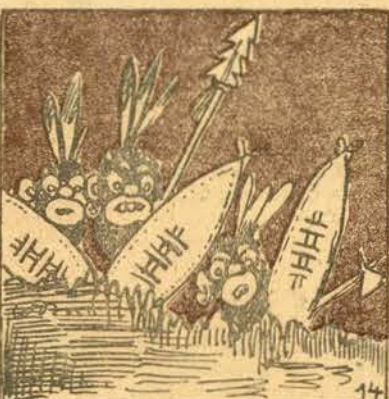
11—os quais, esfomeados, abriam terrivelmente as bocarras enormes.



12—Como um deles veio preso à isca, o capitão Tubarão conseguiu trazê-lo à margem, auxiliado pela Tripulação.



13—Nessa noite o jantar constou de sopa de tubarão, feito o lume com o auxílio de uma lupa de aumentar,



14—No dia seguinte, com o mapa em punho, a bússula, um astrolábio e a tal lupa, o capitão investigou em que ponto se encontravam.



15—Mas, subitamente, surgem, ao longe, uns selvagens aos pinotes.



16—O Tripulação foge imediatamente.

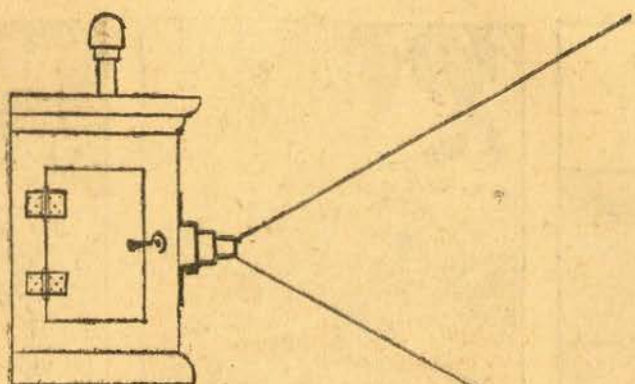


17—e o capitão segue o em direcção à praia.

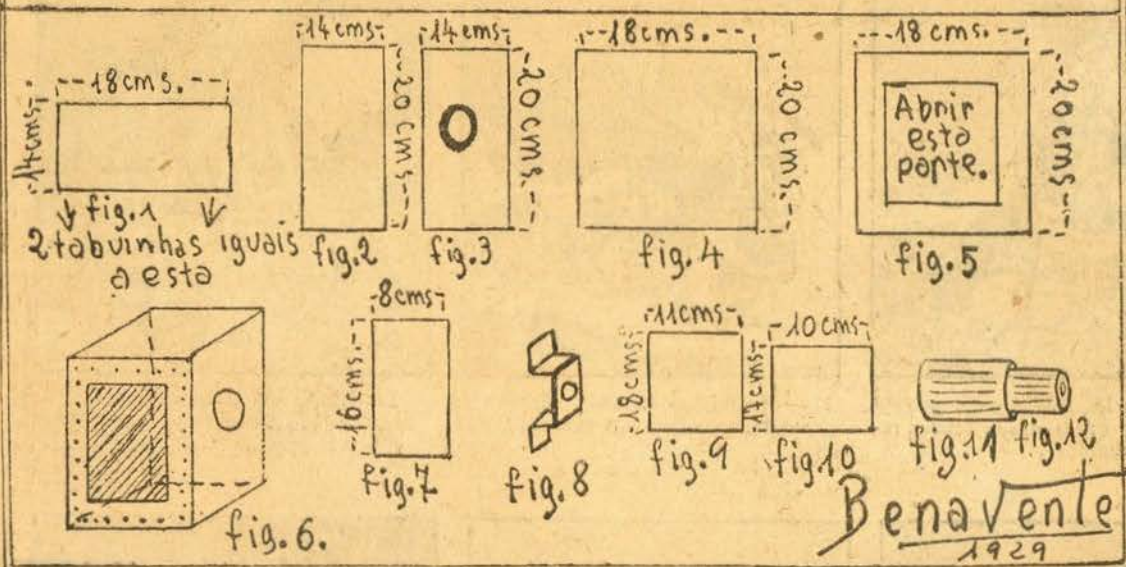


18—O pior é que nem por um nem por outro lado podem fugir, pois à direita estavam os tubarões e à esquerda os selvagens.

■ HORA DE RECREIO ■



Uma Lanterna Mágica Construção de Manuel B. Benavente



UMA LANTERNA MÁGICA

— SE eu hoje lhes ensinasse a construir uma «Lanterna Mágica» ficariam satisfeitos?

— Com um pouco de boa vontade e pericia, todos podem construí-la, mas se alguma dificuldade lhes aparecer peçam o auxílio dos vossos papás ou irmãos mais velhos. Vamos, pois, lançar mãos à obra.

MATERIAIS

— 6 tabuinhas com as dimensões indicadas nas figuras 1 a 5.

— A espessura da madeira fica à vossa vontade, não sendo fina de mais nem grossa em demazia, para não ficar uma caixa muito pesada.

— Um bocadito de fôlha de flandres, 2 lentes, uma maior do que a outra, 1 lanterna de algibeira, para quem não possua electricidade em casa. Um pouco de anilina preta para pintarem a caixa, os canudos, etc.,

MANEIRA DE CONSTRUIR

— Com as tabuinhas de que falei mais atrás, constroí-se a caixa, abrindo-se na frente um orifício como indica a figura 3. Em seguida constrõem a peça da figura 8, as dimensões são as da figura 7. Fixem-na diante do orifício da caixa. Façam agora 2 canudos (figuras 9, 10, 11 e 12) e adaptem-se-lhes as lentes respectivas. O tubo maior é soldado à peça da figura 8. O tubo mais pequeno encaixa-se no maior, de forma, a ficar justo, mas que corra com facilidade. Este serve para regular a projecção, isto é, para poderem ver as imagens com nitidez. — E, disto isto, ficam dadas as explicações que eu julgo necessárias para o bom desempenho da vossa missão de artistas...

No próximo número ensinarei a forma de fazerem as vistas para serem passadas na nossa Lanterna Mágica

Todo vosso Benavente—1929

O PEIXE VIVO



Recortem em cartolina ou, melhor ainda, num cartão de visita parafinado, uma figura de peixe igual à que a gravura representa, com o buraco maior ao centro e o veio até à ponta da cauda.

Cuidadosamente, para não se molhar pela parte superior, metem este peixinho dentro de um recipiente de água.

Com um palito deitam um pinguinho de azeite no orifício.

O azeite tem tendências para correr ao longo do veio e, nesse mesmo trajecto, impele o peixe para a frente, movendo-se como se vivo fôsse.

CORRESPONDENCIA

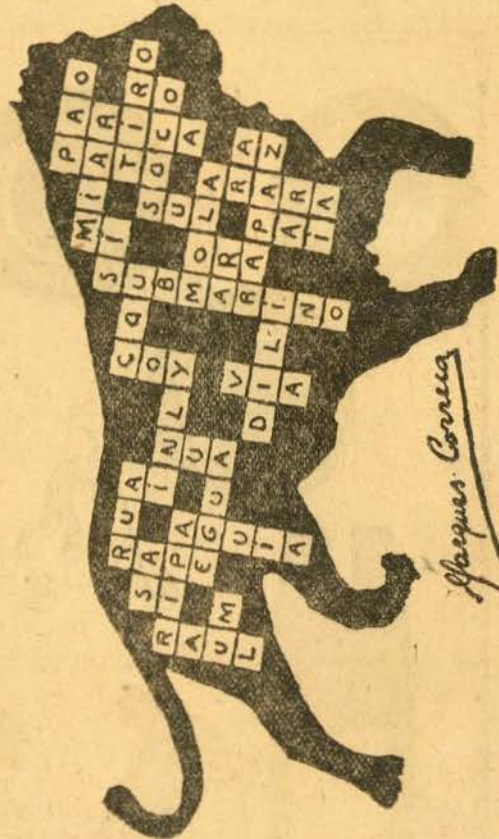


José Americo P. Moura. — E's um artista! O índio e cow-boy são duas maravilhas! O pior é que por enquanto não publicamos desenhos dos leitores. Será também conveniente fazê-los com menos risquinhos. Um grande abraço.

(Continúa na página 8)

PALAVRAS CRUZADAS

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR



Agnes Correa

DONA "TIC-TAC" VAI PASSEAR



Para colorir o fazer girar circularmente

O MENINO E A TROTTINETTE

CONSTRU-
ÇÃO PARA
■ ARMAR ■

Maneira de construir

Colem a folha em cartão, deixem-na secar completamente; em seguida, recortem, dobrando pelos pontos que indicam.

Esta construção é completada com dois paizitos de fósforo nas dimensões que apresentamos, os quais servem de eixo às rodas da «trotinete».

Reparem bem nas letras que tem a construção e nos buracos que elas indicam.

Em primeiro lugar, faz-se o carro ligando-se as peças entre si, pelos respectivos pontos.

Já nessa altura se tem colado as partes que constituem o garoto, cujo pé é ligado à roda trazeira por meio de uma «attache».

Com lápis de cor, podem colori-lo melhor, para fazer assim maior efeito.

O resultado que é deveras interessante, é o garoto mover o corpo e a perna, como se o carrinho fosse impulsionado com o seu movimento.

O que querem no próximo número?

CORRESPONDENCIA

(Continuação da página 7)

Zêzé Santos. — Ora viva! Ora viva! Recebi os beijos e a carta que me enviaste.

Não tenhas receio pois agora não fugirei tão depressa...

sa... Manda o que quizeres. Histórias, ao Ex.^{mo} Sr. Director literário o único que lhes poderá dar parecer favorável ou desfavorável. Depois escrevo.

Luiz José de Oliveira Martins. — Queres a construção de um concurso hípico. Olha que isso é complicado meu caro «sobrinho»...

Mas... talvez se faça...